



A SOCIOLOGIA HISTÓRICA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS E O OBJETO CIENTÍFICO: TENSÕES E APROXIMAÇÕES

NORBERT ELIAS 'FIGURATIONAL HISTORICAL SOCIOLOGY AND THE SCIENTIFIC OBJECT: TENSIONS AND APPROXIMATIONS

Paulo Robério Ferreira Silva¹

RESUMO

Sociologia e História travam, desde o surgimento da primeira na segunda metade do século XIX, um vigoroso embate. As aproximações e mesmo os distanciamentos em muito têm contribuído com as Ciências Sociais e Humanas. Norbert Elias, ao lidar com a tensão teórica entre indivíduo e sociedade construiu uma teoria de sociedade distinta das até então existentes. Ao propor o que neste texto é chamado de *Sociologia Histórica Figuracional*, ele não apenas ressaltou as divergências entre História e Sociologia, como também ofereceu importantes contribuições para a realização de estudos que se valham do fecundo arcabouço teórico/metodológico oriundo de ambas. O que pretendo neste texto é apresentar e discutir alguns aspectos relevantes do pensamento eliasiano que contribuem para a construção do objeto científico na perspectiva da Sociologia Histórica.

PALAVRAS-CHAVE

Sociologia Histórica Figuracional; Norbert Elias; Figuração; Objeto científico.

ABSTRACT

Sociology and History have had a vigorous clash since the first in the second half of the 19th century. Approaches and even distances have contributed a lot to the Social and Human Sciences. Norbert Elias, in dealing with the theoretical tension between individual and society, constructed a theory of society distinct from those hitherto existing. In proposing what in this text is called Historical Figurational Sociology, he not only highlighted the divergences between History and Sociology, but also offered important contributions for the realization of studies that draw on the fruitful theoretical / methodological framework derived from both. What I intend in this text is to present and discuss some relevant aspects of Eliasian thought that contribute to the construction of the scientific object from the perspective of Historical Sociology.

KEY WORDS

Sociology Figurational History. Norbert Elias. Figuration. Scientific object.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros - MG. Bolsista CAPES. Professor da Rede Estadual de Ensino da Secretaria de Educação de Minas Gerais. E-mail: terradecontato@gmail.com



INTRODUÇÃO

A história ocupa um lugar significativo na obra do sociólogo alemão Norbert Elias. Foi um dos seus primeiros e principais interesses de pesquisa. No aprofundamento de seus estudos, quando se evidenciaram as questões que envolviam o indivíduo em sociedade, esse importante pensador do século XX passou a produzir uma sociologia que, em expressiva medida, utilizou a história como um dos seus principais substratos, bem como levou também à História importantes aportes oriundos da Sociologia. O resultado de suas reflexões e críticas não apenas aproximou essas duas disciplinas, como, efetivamente, concorreu para intensificar seus processos de transformação e, conseqüentemente, de (re)configuração, bem como da própria Ciência Social e Humana. Daí resulta em pistas que informam alguns aspectos elementares que nos ajuda a mais bem compreender como Norbert Elias construía os seus objetos científicos.

Norbert Elias encarou esta empreitada a partir da tensão entre Sociologia e História provocado por Durkheim. Suas origens, conforme mostra Dosse (1994), remonta a instituição da “escola” durkheimiana de Sociologia em 1887. O programa, que pode ser chamado de audacioso, de Durkheim visava sobrepor as demais disciplinas das Ciências Sociais. Sua crítica se dirigira, sobretudo, a História, que, até então, se destacava das demais. Ainda conforme Dosse (1994), a ambição da sociologia durkheimiana era mesmo unificar todas as Ciências Sociais sob a batuta da Sociologia. Por essa perspectiva, o papel do historiador estava bem definido: coletar material para ser trabalhado pelo sociólogo. Caso o historiador se aventurasse a “trabalhar” com este material, modificaria de imediato o seu *status*, tornando-se, pois, sociólogo.

Elias, ciente desta tensão, não sem considerar as profícuas contribuições de Durkheim², enveredou por outros caminhos. A aproximação entre Sociologia e História resultou de seu esforço em mais bem delimitar o próprio campo e a construção dos objetos científicos. Nestes estudos, em um primeiro momento, o objetivo é apontar alguns aspectos que possibilitaram a Norbert Elias produzir uma Sociologia Figuracional. Esta emergiu das suas críticas à fragmentação epistemológica que cindia indivíduo e sociedade. Para ele, como se discutirá mais adiante, era preciso recuperar a síntese em detrimento do reducionismo das particularidades.

²Ver, sobre isso, Vera (2013).



Num segundo momento, a pretensão é discutir, mesmo que sumariamente, como Norbert Elias propôs a superação do impasse entre Sociologia e História. Para isso, ele atribuiu à História outro estatuto. Ao contrário da perspectiva durkheiminiana, a História não se reduzia ao trabalho de organizar o material referente ao passado, sua condição de cientificidade manifesta-se na elaboração de nexos historiográficos verificados por meio de hipóteses e teorias. Por meio da História seria possível, então, “legitimar” o próprio conhecimento inerente a outras disciplinas, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia etc.

Em seguida, discuto alguns aspectos do profícuo encontro entre a Sociologia e a História promovido por Norbert Elias. Permeados por novas concepções, categorias e conceitos, com destaque para a ideia de *figuração*³, ele derrubou as, então, clássicas barreiras que separavam e hierarquizavam a primeira em relação à segunda. Elias apontou os nexos que possibilitaram a formalização da Sociologia Histórica Figuracional. Por meio do seu arcabouço seria possível “desvendar”, valendo-se sobretudo da História e da Sociologia, de que modo e por que ocorrem as interdependências entre indivíduos.

No escopo deste estudo, reconhecendo os seus limites, viso, enfim, indicar que a aproximação entre História e Sociologia feita pela perspectiva da Sociologia Histórica Figuracional abriu novas fronteiras para a construção do objeto científico e, conseqüentemente, trouxe importantes ganhos para o campo da interdisciplinaridade nas Ciências Sociais e Humanas.

POR UMA SOCIOLOGIA FIGURACIONAL

Além de uma formação acadêmica rigorosa, outro importante fator contributivo para a emergência da sociologia eliasiana advém dos questionamentos resultantes, sobremaneira, de suas próprias experiências vividas como judeu (nasceu em 22 de junho de 1897 em Breslau, então Alemanha (atualmente Wrocław, Polônia) e faleceu em 1º de agosto de 1990 em Amsterdã, Holanda⁴). Estas condições tiveram influência em sua Sociologia Histórica, que só veio a ganhar reconhecimento acadêmico e se disseminar a partir do final da década de 1960. O próprio Elias (2001b) destaca como

³Em algumas obras aparece também o termo configuração. Nesse caso, não haveria distinção de sentido. O uso de uma palavra ou outra seria atribuído a questões de tradução. Pode-se ainda atribuir, no entanto, o entendimento de que configuração seja também o conjunto de figurações inerente ao indivíduo em sua individualidade. Seria, portanto, por meio das figurações em que diferentes indivíduos estão vinculados, que é possível ler o habitus da formação social em que os indivíduos se encontram inseridos.

⁴Seu pai, Hermann Elias, faleceu em Breslau em 1940. Já a sua mãe, Sophie Elias, foi morta em 1941 em Auschwitz.



suas vivências, seja no *front* ou em relação às guerras, em atividades laborais, na academia ou para além dela, como intelectual, bem como nos diferentes lugares em que viveu, resultaram em valiosos *insights* que reverberariam significativamente em sua pujante produção científica. Ao relatar o seu primeiro contato com a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, Elias (2001b) lembra que não havia, até então, nenhuma outra referência que pudesse dimensionar do que realmente se tratava. Disso concluiu, entre outras coisas, achar “[...] sempre terrível os homens apresentarem a posteriori as coisas como se delas tivessem tido uma visão super precisa” (ELIAS, 2001b, p. 23).

Nesse particular, a vida de Norbert Elias tem sido motivo de interesse de pesquisadores, pois tem contribuído para revelar a emergência de seu pensamento que, em significativa medida, se afastou dos paradigmas próprios das Ciências Sociais e Humanas de meados do século XX. Ribeiro (2010), trabalhou essa perspectiva em sua tese de doutorado e, conforme ela mesma aponta, procurou, para mais bem entender Elias, extrapolar as abordagens convencionais. Ao lidar com a relação entre os conteúdos emotivos e os acontecimentos vividos, revelou um homem apaixonado por sua missão. Para Elias, ela foi sendo relevada aos poucos, entre o seu tempo em Heidelberg e em Frankfurt. Ficou bem claro para ele que “ela consistia em elaborar uma teoria central da sociologia que fosse empírica, ou seja, verificável e emendável, em vez de fundar as bases de uma teoria sobre as quais as gerações futuras pudessem construir, ou mesmo rejeitar, corrigir e desenvolver” (ELIAS, 2001b, p. 145). Daí, concluiu que durante toda a sua vida foi isso que pretendeu fazer, sempre entremeadado com outras tarefas próprias de um cotidiano dedicado à pesquisa.

Sua vida acadêmica começou em 1918 com estudos de Medicina e Filosofia em sua terra natal. Defendeu sua tese em Filosofia em 1924. No ano seguinte, mudou-se para Heidelberg e deu início a sua carreira universitária. Dedicou-se à Sociologia, sob a influência de Karl Mannheim. Mudou-se em 1930 para Frankfurt (ELIAS, 2001b). Também obteve naquele período formação em Psicologia. Em 1933, ano em que Hitler se tornaria chanceler alemão, Elias, já em fuga dos nazistas, instalou-se na França e depois na Grã-Bretanha. Entre 1945 e 1962, foi Professor de Sociologia na Universidade de Leicester. Entre 1962 e 1964 foi docente em Gana. Depois disso, também atuou como Professor na Alemanha (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996).

Ao lidar com as mudanças sociais, Elias esbarrou naquilo que viria a ser um dos seus principais objetos de reflexão: a antinomia entre o funcionalismo estrutural e o individualismo metodológico. Aliás, esse continua sendo um dos mais significativos dilemas das Ciências Sociais e Humanas ainda em nosso tempo. O que Elias procurou superar foi exatamente as concepções que tomavam tanto o indivíduo como a sociedade como entidades autônomas, fechadas em si mesmas.



Ora sobrepondo, ora sobreposta um(a) em relação ao outro(a). Como observou Quintaneiro (2004), Elias enveredou esforços para entender as dinâmicas entre os seres humanos em suas mútuas dependências estabelecidas em estruturas e nas transformações que ocorrem nestas relações entre indivíduos e grupos em face das próprias condições de interdependência e das relações de poder. Disso resultou, severas críticas aos paradigmas científicos que reificavam os fenômenos sociológicos valendo-se, por exemplo, da metafísica, do dualismo, da teleologia, da normatividade, da causalidade, da fragmentação etc.

Para Costa (2017, p. 36), Norbert Elias se afasta dessas posições tradicionais ao considerar

a metafísica, que substancializa os seres como se eles existissem de forma autônoma e independente; a dualista, que pensa as relações como se fossem dicotomias expressas em termos de causa e efeito, sujeito e objeto, interior e exterior; a teleológica, que vê os processos como se fossem a evolução em vista da realização de um fim determinado; a normativa, que visa uma cientificidade na qual o próprio investigador se considera excluído de seu objeto de pesquisa; a da causalidade, que precisa correlacionar a formação de efeitos na necessidade mecanicista de uma causa; e a fragmentária, que pensa o mundo de forma descontínua, constituído por elementos encerrados em sua particularidade.

Por um caminho diferente, Norbert Elias produziu uma espécie de *sociologia figuracional* (ou *configuracional*). Para ele, a interação entre os seres humanos em sociedade teria, independente de qualquer situação, mesmo na desordem e no caos, “uma forma absolutamente determinada” (ELIAS, 2006, p. 26). Daí se justificar que a interdependência entre os indivíduos humanos resulta em figurações específicas de caráter sócio-histórico. Essas, por sua vez, não são determinadas previamente. Possuiriam, ao contrário, tanto “peculiaridades estruturais”, como representariam “uma ordem de tipo particular” (ELIAS, 2006, p. 26). Neste sentido, Elias (2001b, p. 148) afirma que “[...] o conceito de figuração foi criado expressamente para superar a confusa polarização das teorias sociológicas em teorias que colocam o ‘indivíduo’ acima da sociedade e outras que colocam a ‘sociedade’ acima do indivíduo”.

Para Elias, portanto,

O entrelaçamento das dependências dos homens entre si, suas interdependências são o que os ligam uns aos outros. Elas são o núcleo do que é aqui designado como figuração, como figuração dos homens dependentes uns em relação aos outros. Como os homens são – inicialmente por natureza, e então mediante o aprendizado social, mediante educação, mediante a socialização, mediante as necessidades despertadas socialmente – mais ou menos mutuamente dependentes entre si, então eles, se é que se pode falar assim, só existem enquanto pluralidades, apenas em figurações. Esta é a razão pela qual, como já foi dito, não é muito proveitoso se compreender como imagem dos homens a imagem dos homens singulares. É mais adequado quando se representa como imagem dos homens uma imagem



de vários homens interdependentes que formam figurações entre si, portanto grupos ou sociedades de tipo variado (WAIZBORT, 2001, p. 101).

Por esse prisma, tanto os seres humanos em figurações, como as próprias figurações transformam-se permanentemente. Tais transformações, embora inseparáveis e entrelaçadas, ocorrem em planos e tipos diferentes. Em termos práticos, haveria relativa autonomia do ser humano singular em relação a determinadas figurações. No entanto, exceto em condições de anomalia, como, por exemplo, em estado de loucura, isso não ocorreria em relação às figurações em geral. Em perspectiva semelhante, as figurações também não teriam plena autonomia em relação aos indivíduos em geral, exceto em condições específicas. Em todos os casos, no entanto, prevaleceria a imprevisibilidade.

Esta arquitetura produzida por Norbert Elias substanciou, como mostra Kirschner (1999), uma visão global do ser humano. Para ele não fazia sentido a elaboração de categorias rígidas que focavam fundamentalmente às singulares da existência humana. Não justificava, portanto, a ênfase nas particularidades que procuravam apreender os indivíduos e coletividades por meio de aspectos econômicos, políticos, psicológicos etc. sem relacioná-los às macroestruturas. Com isto, ainda conforme Kirschner (1999, p. 30), Elias “priorizou a síntese e não a análise”. Desse modo, as estruturas da sociedade, do indivíduo e da história são necessariamente indissociáveis.

Ainda no afã de lidar com os fenômenos sociais por uma perspectiva não particular, Norbert Elias invocou a necessidade de apreender os processos sociais na longa duração. Daí uma frutífera aproximação com a História por meio de processos estruturais. Conforme Pontes (2001, p. 24), “Elias se utiliza da história para se livrar dela, ou melhor, para através dela garantir o acesso a formações sociais distintas das contemporâneas, modeladas por processos históricos de longa duração, de forma a enfrentar questões sociológicas de ordem mais estrutural”.

Para Heinich (2001, p. 99-100), Elias promoveu uma “mutação radical da postura de pesquisa”. Essa não ficou restrita apenas ao tempo, embora tivesse emergido na perspectiva da longa duração. Por meio dela, Elias introduziu o indivíduo na política; o passado como categoria epistemológica da Sociologia; as modelizações em larga escala; o tempo como objeto de pesquisa de diferentes disciplinas das Ciências Sociais e Humanas; bem como, inovou em relação ao espaço, como ficou patente em sua toda a sua obra. Com Elias, o espaço passou a ser tratado de forma relacional, ou seja, caracterizado por delinear a situação dos indivíduos em sociedade em um tempo específico.



Desse modo, Elias privilegiou os processos sociais. Apreendidos na perspectiva da longa duração permitia ao pesquisador produzir uma Ciência menos vulnerável aos incidentes particulares, pois estes eram dimensionados invariavelmente em macroestruturas. Para Elias (2006, p. 27-28),

O conceito de processo social refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não aquém de três gerações – de figurações formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas. Uma delas tem, geralmente, o caráter de uma ascensão, a outra o caráter de um declínio. Em ambos os casos, os critérios são puramente objetivos. Eles independem do fato de o respectivo observador os considerar bons ou ruins.

Esses processos sociais, ainda conforme Elias (2006), ao contrário dos processos biológicos da evolução, são reversíveis. Tanto promovem a integração, como a desintegração social. Podem existir mutuamente, quando um equilibra o outro, ou pode haver a predominância de um ou outro. Em todos os casos provocam novas figurações.

Os problemas que incomodavam Norbert Elias convergiam, desse modo, para a centralidade do divórcio entre História e Sociologia. Tal discussão não era, no entanto, nova, se arrastava desde a segunda metade do século XIX quando as duas disciplinas passaram a digladiarem-se em campos de batalha comuns, como a sociedade, a cultura, a economia, a política, o comportamento humano, a história etc. Os limites, portanto, entre ambas, passou a ser de difícil definição. Embora fossem autônomas, uma bebia na fonte da outra. Para Elias (2001a), no entanto, o que provocava esse divórcio era a “pouca motivação” dos historiadores em trabalhar com o aparato teórico e conceitual, e os sociólogos em teorizar e conceitualizar o conhecimento histórico por eles utilizados.

A CRÍTICA ELIASIANA À HISTÓRIA

O interesse de Norbert Elias pela história ocorreu tanto em face de sua condição de objeto, como enquanto disciplina científica. Isto se deu dado ao seu esforço em compreender a sociedade por meio de diferentes aspectos⁵. Como resultado, como comentado alhures, Elias promoveu uma pujante aproximação entre História e Sociologia. Em seu primeiro livro, *A Sociedade de Corte*, concluído, como tese, em 1933 e publicado apenas em 1969, Elias dedica um capítulo inteiro, o primeiro, a

⁵Ribeiro (2010) credita a influência de Alfred Weber em Heidelberg o interesse de Elias pela relação entre o material histórico e a estrutura social.



discutir a relação entre Sociologia e História. Nele, explicitam-se os fundamentos daquilo que pode ser chamado de sua Sociologia Histórica.

Elias (2001a) constatou, num primeiro momento, que existiam objetivos significativamente distintos entre as duas disciplinas. Enquanto a História tratava o seu objeto a partir de séries de acontecimentos singulares já ocorridos, resultando na abreviação e restrição dos fenômenos em estudo, a Sociologia visava, por outro lado, compreender as conexões e dependências entre os indivíduos, bem como as estruturas e processos que ocorrem, sobretudo, na longa duração. Em relação à História, é taxativo: “Isso que é chamado de história, muitas vezes, parece simplesmente uma acumulação de ações isoladas de homens isolados, sem conexão entre si” (ELIAS, 2001a, p. 30).

Dado, então, à constatação de que havia significativa dificuldade de se chegar, pela História, ao objeto da Sociologia, qual seja, as dinâmicas dos indivíduos em interação em estruturas e processos, Elias (2001a) propôs uma reorganização perceptiva desta relação. Promoveu a utilização de dados singulares e únicos da História em um quadro de referência tanto verificável quanto elaborado cientificamente. A pretensão foi evitar interpretações arbitrárias e buscar os *nexos* entre estes fenômenos singulares. Nesse sentido, constatou ainda que pela História, tal qual então se apresentava, não seria possível construir uma continuidade de pesquisa. Na perspectiva do longo prazo, ao contrário, as “ideias acerca do nexo dos eventos vêm e vão [...] cada uma delas parece tão certa e tão improvável quanto qualquer outra” (ELIAS, 2001a, p. 30).

Para mais bem justificar seus argumentos, Elias (2001a) toma de Ranke a seguinte reflexão:

A história está sempre sendo reescrita... Cada época, com sua orientação principal, apropria-se dela, impondo-lhe seus pensamentos. Em seguida, o louvor e a censura são distribuídos. Assim, isso vai até o ponto em que não é mais possível reconhecer a própria coisa. Nada mais se pode fazer, nesse caso, a não ser voltar à informação inicial. Mas será que a estudariam sem o impulso do presente?... Será possível uma história inteiramente verdadeira?

Outro problema identificado por Elias (2001a) quanto à História refere-se à tensão entre o objeto e a historiografia. Quanto ao objeto, este não é tomado nem como verdadeiro, nem como falso. Já o que se escreve sobre ele seria passível de uma série de interferências, que vão desde a escolha das fontes à própria cosmovisão do cientista, tanto quanto à interferência das instituições e também do senso comum. Para, então, saber o que efetivamente é “verdadeiro” numa perspectiva da Ciência da História e, considerando ainda que as narrativas vão alterando o próprio objeto da História ao longo do tempo, Elias recorreu a Ranke. Este propõe um retorno às fontes originais de cada época em estudo. Tal tarefa, no entanto, também não estaria isenta de “problemas”, a ponto de Elias (2001a, p.



31) levantar a seguinte questão: “Será que os documentos, as fontes originais de informação, constituem a substância da história?” Apoiando-se mais uma vez em Ranke, Elias (2001a) conclui que sim⁶, considerando que o que os historiadores fazem são interpretações dessas fontes. No entanto, mesmos tais interpretações não seriam capazes de fazer emergir o objeto tal qual seja, pois ainda estariam submetidas as interferências externas, inclusive as dos próprios pesquisadores.

Para lidar com estas questões e atribuindo o fato de a História não ser ainda uma ciência “madura”, exatamente por não possuir modelos de conexão, ou seja, “[...] hipóteses ou teorias, cujo desenvolvimento está ligado ao conhecimento de dados singulares por um restabelecimento contínuo de contato” (ELIAS, 2001a, p. 31), o que ele propôs, então, foi produzir formas de questionamentos, seleção de dados singulares e elaboração de modelos de conexão que superem os valores extracientíficos.

Ao considerar que a História teria um caráter “quase científico”, Elias (2001a) asseverou que o problema estava, sobretudo, na falta de autonomia dessa disciplina, provocado pela deficiência na continuidade dos estudos de História. Como uma de duas consequências, observou as limitações, no decorrer das gerações, da extensão e da clareza desse saber específico. Embora haja, eventualmente, até um aumento contínuo destas fontes, Elias (2001a, p. 32) constatou que “[...] não há nenhuma continuidade no crescimento do que se conhece no plano das conexões”. Resulta disso, uma falta de concatenação dos trabalhos atuais com hipóteses e teorias de trabalhos anteriores, considerada a necessidade dessa relação para os próprios processos de aperfeiçoamento da ciência. “O progresso contínuo da ciência não condena necessariamente os modelos de compreensão de etapas anteriores à categoria de sobras de papéis velhos, o que de fato acontece tão mais raramente, quanto mais assegurado e autônomo é o progresso do trabalho científico” (ELIAS, 2001a, p. 32).

Para Norbert Elias (2001a) havia, no entanto, uma “diferença de grau” entre História e Sociologia. Embora na perspectiva da curta duração, tanto em uma como em outra evidenciavam-se teorias com relativa autonomia em face dos modelos expostos à verificação, a pesquisa em Sociologia difere da pesquisa em História

por compreender que mesmo a formulação e seleção dos problemas singulares ficam submetidas ao arbítrio do pesquisador individual, ou às convicções convencionais heterônomas de determinados grupos de pesquisadores, a não ser que exista um mínimo de

⁶“O cuidado da documentação, a confiabilidade das referências a fontes históricas e o acúmulo de conhecimento dessas fontes cresceram consideravelmente. Nisso se encontra uma certa justificação – a única, pode-se dizer – do caráter científico da historiografia” (ELIAS, 2001a, p. 31).



empenho em desenvolver modelos de conexão mais adequados e autônomos do que os precedentes, modelos que, restabelecendo continuamente o contato com o desenvolvimento dos dados singulares, não sejam influenciados pelas oscilações e flutuações do pensamento da própria época (ELIAS, 2001a, p. 32).

Para a História, por outro lado, como apontou Elias (2001a), seria possível, como em certa medida ocorre com a Sociologia, evitar pesquisas sem controle, como pesquisas efêmeras, partindo-se da ênfase nas relações entre a seleção de dados a partir das fontes de pesquisa e os modelos de conexão a serem evidenciados na investigação.

A SOCIOLOGIA HISTÓRICA FIGURACIONAL

A crítica de Norbert Elias à História, embora possa ser questionada por ter sido orientada a uma perspectiva de História já, em grande medida, superada – considerando, como já aludido, que *A Sociedade de Corte* foi concluída em 1933 – contribuiu, como atesta o historiador Roger Chartier⁷ (2001), para as transformações que ocorreram nesta disciplina a partir da segunda metade do século XX. Ainda conforme Chartier (2001, p. 7), Elias identificou três fraquezas na abordagem histórica dos fenômenos: “ela supõe em geral um caráter único para os acontecimentos que estuda; postula que a liberdade do indivíduo é fundadora de todas as suas decisões e ações; e remete as evoluções principais de uma época às livres intenções e aos atos voluntários daqueles que têm força e poder”. Em corolário, o conhecimento histórico, posto desta forma, reproduzia não mais que as ideologias das sociedades. Tratava-se, como atesta Chartier (2001) de saberes arbitrários, fundados em juízos contraditórios que manifestavam os interesses dos historiadores conforme suas diferentes influências.

O que Norbert Elias pretendeu, afinal, não foi desqualificar a História em relação à Sociologia, mas ressaltar a existência de diálogos profícuos entre ambas. É, inclusive, a partir daí que é delineado, em grande medida, o objeto científico para Elias. Chartier (2001, p. 7), ao refletir sobre este tema, contribuiu para esclarecer esta aproximação:

a sociologia não consiste, ou pelo menos não exclusivamente, no estudo das sociedades contemporâneas, mas deve dar conta das evoluções de longa, até mesmo de muito longa, duração, as quais permitem compreender, por filiação ou diferença, as realidades do presente. Seu objeto é plenamente histórico, no sentido em que se situa (ou pode se situar) no passado, mas seu procedimento em nada é histórico, já que não diz respeito a indivíduos, supostamente livres e únicos, mas às posições que existem independentemente deles e às dependências que regulam o exercício de sua liberdade.

⁷É dele o prefácio da edição francesa de 1985 do livro *A Sociedade de Corte* de Norbert Elias.



Com a possibilidade da História superar o reducionismo do evento único e a submissão aos interesses privados do historiador e das instituições⁸, também evidenciou-se, em uma espécie de contraponto, colocar em xeque certos fundamentos que também permeavam a Sociologia.

Elias, então, abriu um leque de questões a partir daquilo que neste texto é entendido como a construção de uma *Sociologia Histórica Figuracional*. Num primeiro movimento, alertou para os riscos dos determinismos das taxinomias. Estas, amplamente utilizadas pela Sociologia, apresentam um caráter de validade universal, com tendência a serem a-históricas, o que, efetivamente, pode provocar o afastamento da Sociologia dos fenômenos que estuda, expondo-a aos arbítrios das abstrações. Um dos efeitos evidentes se manifesta no fato de que a História, no bojo destes constructos, tende a ser rebaixada a mero substrato do conhecimento sociológico.

Por outra seara, Elias tomou a História como uma das condições legitimadoras do conhecimento científico. Tratava-se, portanto, de uma aproximação, até então, inédita, que passou a ter efeitos amplamente significativos no campo das Ciências Sociais e Humanas. Como observou Chartier (2001, p. 9), pela história visa-se “[...] atingir o essencial, ou seja, o esclarecimento das condições que tornam possível a emergência e perpetuam a existência de uma tal forma social”. O projeto eliasiano foi audacioso e mostrou-se viável para romper com a querela entre Sociologia e História. Nesse sentido, o próprio Elias (2001a, p. 47) foi enfático: “teorias sociológicas que não se confirmam no trabalho sociológico empírico são inúteis. Quase não merecem o status de teorias”.

Como desdobramento, Elias também enfatizou a importância da *comparação*. Por este meio se constituiria os nexos que definitivamente relacionam Sociologia e História. Sua efetivação se daria, então, em três escalas: 1) buscar distinções entre formas sociais similares em sociedades contemporâneas que possam efetivamente ser comparadas; 2) identificar, em sociedades afastadas no tempo e no espaço, efeitos idênticos dessas formas sociais semelhantes; 3) mostrar os contrastes entre formas e funcionamentos sociais diferentes em uma mesma sociedade (CHARTIER, 2001).

⁸Como mostra Chartier (2001, p. 8), “O estudo das séries, sejam elas demográficas ou econômicas, deslocou a atenção do acontecimento único para o fato repetido, da excepcionalidade da ação política ou militar para os ritmos cíclicos dos movimentos conjunturais. A análise das sociedades, por seu turno, propôs uma história das estruturas que não é mais aquela dos indivíduos e na qual são levados em conta, a princípio, as posições dos grupos uns em relação aos outros, os mecanismos que asseguram a mobilidade (ou a reprodução) social, os funcionamentos não percebidos pelos sujeitos sociais e sobre os quais sua ação voluntária não tem controle. A evolução da problemática histórica mais recente foi como ao encontro de Elias, que estudou com rigor as determinações impostas aos destinos pessoais, fenômenos que nenhuma vontade — mesmo a do príncipe — seria capaz de transformar. Os reis foram assim destronados das preocupações históricas, e com eles a ilusão da onipotência das intenções individuais”.



Abriu-se com a Sociologia Histórica Figuracional um amplo campo de pesquisa. Novas possibilidades se evidenciaram, sem que com isso fosse abandonado o projeto original da Sociologia. Para Elias (2001a, p. 213), o objetivo foi atender ao que ele próprio considerava como o substrato da Sociologia: “[...] saber de que modo e por que os indivíduos estão ligados entre si, constituindo, assim, figurações dinâmicas específicas”. Sendo, a interdependência ente indivíduos o elemento nodal da Sociologia, ele aponta a necessidade de “invenção” de modelos empíricos e de um instrumental de categorias, conceitos e ideias que possam atender a tais demandas (ELIAS, 2001a).

Entre um expressivo arcabouço de categorias e conceitos construído na perspectiva da Sociologia Histórica Figuracional, destaca-se o de *figuração* que, conforme Chartier (2001), é o conceito chave do pensamento eliasiano. Em linhas gerais, pode-se entender *figuração* como caracterizada por uma totalidade de ações individuais que ocorrem em relações constantes em função de outras ações.

E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos “sociedade”. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos “estruturas sociais”. E, ao falarmos em “leis sociais” ou “regularidades sociais”, não nos referimos a outra coisa senão isto: às leis autônomas das relações entre as pessoas individualmente consideradas (ELIAS, 2004, p. 23).

Estas figurações, extremamente variáveis, como atesta Elias (2005), ocorrem em dimensões micro, meso e macro. Ao se efetivarem na interdependência recíproca entre indivíduos, suas reproduções se dariam por uma espécie de equilíbrio de tensões. Daí se estabelece, como mostra Chartier (2001), uma ligação entre as noções de figuração, interdependência e equilíbrio das tensões que vão resultar na recusa definitiva de Elias numa sociologia metafísica, teleológica e submetida à Filosofia. Em corolário, para Norbert Elias (2001a), a liberdade do homem nem é absoluta, nem determinada por causalidades físicas localizadas na história, mas, ao contrário, inerente aos jogos da interdependência entre os indivíduos, considerando estarem ali as reais possibilidades daquilo que é ou não possível, de fato, se realizar.

Deste modo, ao ser superado o idealismo quanto ao indivíduo e o atomismo quanto à sociedade, quando esta é entendida apenas como uma soma de indivíduos em seus comportamentos únicos, Norbert Elias centralizou a sua atenção às “[...] redes de dependências recíprocas que fazem com que cada ação individual dependa de toda uma série de outras, porém modificando, por sua vez, a própria imagem do jogo social” (CHARTIER, 2001, p. 13). Cada *figuração social*, caracterizada por meio de suas cadeias de interdependência podem, portanto, ser mais ou menos longas, complexas



ou coercitivas, bem como, situadas em uma mesma sociedade ou em escalas sociais mais abrangentes e complexas, no sentido das diferentes formações sociais (CHARTIER, 2001). Ainda conforme este autor, por meio dessa lógica Norbert Elias passou a lidar de forma inovadora com três questões centrais no campo das Ciências Sociais: 1) foi possível superar a ideia de indivíduo como algo singular e tê-lo, enfim, como um ser em sociedade; 2) as relações intersubjetivas deixavam de estar submetidas às categorias psicológicas pretensamente invariáveis e passariam a ser apreendidas a partir de suas modalidades históricas, isto é, relacionadas inerentemente às próprias figurações sociais; 3) abolição da ideia de que o “concreto” refira-se apenas ao indivíduo de carne e osso, em favor da ideia de que as formas sociais também são “concretas”.

Para mais bem exemplificar esta última questão, Elias (2005, p. 142), aludindo ao jogo de cartas, diz que:

Nem o “jogo” nem os “jogadores” são abstrações. Ocorre o mesmo com a figuração que os jogadores formam ao redor da mesa. Se o termo “concreto” tem um sentido, pode-se dizer que a figuração formada por esses jogadores, e os próprios jogadores, são igualmente concretos. O que é preciso entender por figuração é a imagem global sempre mutante que formam os jogadores; ela inclui não apenas o intelecto deles, mas toda sua pessoa, as ações e as relações recíprocas.

Portanto, as figurações sociais não estariam isentas das tensões das relações de poder. Estas são substanciais na consubstanciação daquelas. A evidência deste fenômeno foi observado por Elias (2005, p. 143), ao afirmar que nas interdependências manifestam-se um “[...] equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro”.

Outro esforço decisivo para a realização de uma Sociologia Histórica Figuracional está em localizá-la em relação aos três modos e ritmos segundo os quais as sociedades humanas evoluem: a evolução biológica, a evolução social e a evolução típica da história individual. Das três, o que é próprio da Sociologia é a evolução social. Essa é “caracterizada pelo encadeamento de formações sucessivas que são temporárias, comparadas à estabilidade da organização biológica da espécie humana, mas que parecem imutáveis pelos critérios das existências individuais” (CHARTIER, 2001, p. 15). Nesse sentido, os estudos sociológicos realizados por esta perspectiva não se reduziram as análises sincrônicas entre o biológico, o social e o individual, mas em análises de longa duração em busca de ritmos próprios da evolução das figurações; estes não perceptíveis pelos indivíduos envolvidos e só desvelados pelo trabalho sistemático e abnegado do cientista.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço empreendido por Norbert Elias para romper com a cisão entre Sociologia e História resultou em significativa contribuição às Ciências Sociais e Humanas. Ao desnudar a História, conforme as demandas de seu tempo, propôs um novo e frutífero estatuto a esta disciplina; ao questionar as bases, até então, em certa medida, sólidas, da Sociologia, foi também decisivo para consolidar a sua importância em face dos estudos de indivíduos em sociedades. A Sociologia Histórica Figuracional, daí resultante, abriu novas fronteiras para a elaboração de objetos científicos.

Norbert Elias evitou, desde logo, a idealização do objeto científico, ou seja, das interferências da metafísica, da teleologia, da filosofia etc. Valeu-se de suas experiências pessoais e acadêmicas e das demandas científicas de sua época para propor um programa de pesquisa, até então, inédito. Primeiro, suspendeu as antinomias entre indivíduo e sociedade. Interessou-se pelos nexos, pelas conexões, pelas interdependências não só entre indivíduos, mas entre figurações sociais, entre estruturas, entre processos e entre as próprias disciplinas.

Desse modo, os fenômenos sociais não poderiam ser reduzidos às suas particularidades. Para apreendê-los era preciso considerá-los em sínteses abrangentes, que interconectavam elementos distintos sustentadas na perspectiva de longa duração. Este entendimento foi determinante para romper com a concepção de que a História trataria apenas de objetos singulares já ocorridos, submetendo-se, deste modo, aos interesses privados dos pesquisadores e das instituições. A partir de Elias, os dados únicos e singulares da História puderam compor quadros de referência elaborados cientificamente.

Quanto à Sociologia, esta também foi ressignificada por Norbert Elias. Não fazia mais sentido limitar o seu alcance apenas aos eventos contemporâneos. Seu objeto emergia dos fenômenos sociais significados pela História. Daí a figuração ganhar centralidade em seus postulados. Por meio dela foi possível enveredar esforços para saber como os indivíduos se interligavam, sustentados em estruturas dinâmicas e não previamente determinadas.

Como sintetizou Pontes (2001), a sociologia eliasiana trouxe importantes contribuições para as Ciências Sociais e Humanas: possibilitou a abordagem de longa e longuíssima duração; relacionou os processos e as figurações; conjugou as perspectivas micro e macrosociológicas; entrelaçou a psicogênese e a sociogênese; apreendeu o Estado moderno como processo no bojo das questões de



poder; trabalhou com a ideia de modelo na perspectiva de modelos de jogo e de formas de jogo; propôs alternativas consistentes à antinomia indivíduo/sociedade, entre outras.

Embora o reconhecimento da importância de sua obra só tenha ocorrido tardiamente; a partir da década de 1970, como afirmou o próprio Elias (2001b), isto não ofuscou a penetração do seu pensamento tanto no mundo acadêmico como na própria sociedade. Até mesmo nos questionamentos feitos à sua sociologia – como se viu em Bauman (1998), que a considerou “ingênua” para lidar como o processo “descivilizatório” do holocausto; e mesmo a de Goody (2008) que o acusou de eurocêntrico, ou na crítica à convergência entre Sociologia e Histórica feita por Torre (1994), que a tomou como insuficiente para lidar com a relação paradoxal entre três elementos básicos das duas disciplinas: narração, comparação e análise; discussão que implica novos estudos –, não se pode desconsiderar que as propostas de sua Sociologia Histórica Figuracional, como aqui sumariamente discutido, bem como outras importantes contribuições, abriram e continuam abrindo novas fronteiras para a produção de objetos científicos no vasto campo das Ciências Sociais e Humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. V. 1. 2^a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. Prefácio. In: ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

COSTA, André Oliveira. Norbert Elias e a configuração: um conceito interdisciplinar. **Configurações**, vol. 19, p. 34-48, 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/configuracoes/3947>>. Acesso em 11 nov. 2020.

DOSSE, François. **A História em migalhas**: dos Annales à “Nova História”. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001a.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios 1**: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.



ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do Estado e da civilização (vol.2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes (vol.1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GOODY, Jack. **O roubo da história**: como os ocidentais se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. Lembrando Norbert Elias. **Textos de História**, vol. 7, nº 1/2, 1999. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/33541500.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Alain. **Dicionário do pensamento social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

PEIRANO, Mariza. Etnocentrismo às avessas: o conceito de sociedade complexa. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 26, nº.1, p. 97-115, 1983. Disponível em: <http://www.marizapeirano.com.br/artigos/1983_etnocentrismo_as_avessas.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

PONTES, Heloísa. Elias, renovador da ciência social. In: WAIZBORT, Leopoldo. **Dossiê Norbert Elias**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 17-35.

QUINTANEIRO, Tânia. O conceito de figuração ou configuração na teoria sociológica de Norbert Elias. Traduzido por Maya Mitre. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 54-69, 2004.

RIBEIRO, Luci Silva. **Processo e figuração**: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280478/1/Ribeiro_LuciSilva_D.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

TORRE, Ramón Ramos. Del aprendiz de brujo a la escalada reflexiva: el problema de la historia em la sociologia de Norbert Elias. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, v. 65, p. 27-53, 1994. Disponível em: <http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_065_05.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.



VERA, Hector. Norbert Elias and Émile Durkheim: seeds of a Historical Sociology of knowledge. In: DÉPELTEAU, François; LANDINI, Tatiana Savoia (eds.). **Norbert Elias and social theory**. New York: Palgrave Macmillian, 2013.

WAIZBORT, Leopoldo. Elias e Simmel. In: WAIZBORT, Leopoldo. **Dossiê Norbert Elias**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 89-111.

Artigo recebido em: janeiro/2021

Artigo aceito em: julho/2021